

## **Utopia e Memória no imaginário do futebol inglês: o papel social do jogo no projeto estético de Ken Loach**

### **Introdução**

O recente documentário “The Spirit of 45”, do cineasta inglês Ken Loach, abordou os ganhos do governo do partido trabalhista eleito após o fim da guerra e como as políticas empregadas no período foram capazes de vislumbrar transformações e formas de organização social que vislumbrassem a coletividade. Em cena marcante do filme, um trabalhador evoca a ideia de que o período em questão foi uma época em que as pessoas tinham “controle sobre suas próprias vidas”.

O tom de rememoração que o filme adota para se referir a um momento em que a classe trabalhadora podia dar sentido e agir em relação ao mundo no qual está inserida funciona como crítica pungente ao momento atual de avanço do neoliberalismo e de leituras de mundo as quais tendem a tentar derrubar a ideia de conflito de classes. A necessidade de utilizar o cinema de maneira a apontar as contradições inerentes a essas leituras tem sido uma tendência na filmografia recente de Ken Loach. Como aponta Crisitane Toledo, o contexto de produção do cineasta ao longo dos anos 90 e 2000 é permeado por uma crise política e uma crise estética. A primeira, ligada à permanência das políticas neoliberais que se alastraram na Era Thatcher e que não sofreram mudanças significativas, muito pelo contrário, nos governos seguintes, sejam eles do Partido Trabalhista ou Conservador. A segunda motivada pelo acréscimo de obras pós-modernas nas quais a história e a vida prática são desconsideradas nas escolhas formais dos autores<sup>1</sup>. A intensificação do recurso do pastiche seria, de acordo com Fredric Jameson, marca do período atual. Isso porque as produções culturais não conseguiriam retomar a história imersa nos estilos, e retoma-os como fetiches estéticos desprovidos de sentido. <sup>2</sup>Porém, tanto no que diz respeito à forma quanto ao conteúdo, Loach se distancia de tais tendências, o que ficou evidente em filmes como *Uma canção para Carla*, *Terra e Liberdade* e *Ventos da Liberdade*.

---

<sup>1</sup> TOLEDO, C.M. *O cinema de Ken Loach e a refuncionalização de materiais estético-políticos*.

<sup>2</sup> JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo, Editora Ática, 1996.

Os impactos dessas crises nos planos estéticos e políticos são muitos, mas entre eles se encontra a marca impressa na construção da identidade dos sujeitos, cada vez mais ligada a “descentramentos”, como caracterizado por Stuart Hall.<sup>3</sup> Seria cada vez mais complexo identificar a posição social do sujeito no mundo e, conseqüentemente, sua função social. Tal dificuldade incidiria em um problema cada vez maior na possibilidade de participação ativa do sujeito na sociedade na qual se está inserido. Conceitualmente, uma solução para esse problema, a qual será abordada de maneira mais aprofundada ao longo desse trabalho seria o conceito de mapeamento cognitivo, indicada por Fredric Jameson, o qual seria uma forma de situar o sujeito na totalidade a partir de suas experiências e, principalmente, seu lugar social.

Na filmografia recente de Ken Loach, uma obra se destaca como problematizadora de todas essas questões: o filme “*À procura de Eric*”, de 2009. A obra expõe a vida de Eric Bishop, torcedor do clube inglês Manchester United, que, ao tentar atribuir sentido para a sua vida, passa a projetar a imagem do ex-jogador francês Eric Cantona e conservar com ela. A partir das reminiscências dos feitos do antigo craque, o protagonista reavalia sua posição na sociedade na qual está inserido.

O trabalho a seguir, propõe analisar de que forma o filme em questão trabalha as exigências para a construção de uma perspectiva política que permita a atuação dos indivíduos na sociedade, não os deixando confinados à aceitação do modelo neoliberal imposto. Além disso, é fundamental analisar de que forma o futebol é representado na produção visando a representação desse processo. Para isso, serão levadas em consideração as escolhas conceituais do diretor para trabalhar a relação entre memória, o futebol e o lugar social dos indivíduos. Além disso, tentar-se-á entender como tal relação concretiza o conceito de mapeamento cognitivo de Fredric Jameson, analisando profundamente um tema que é fundamental para a obra: o futebol. Para realizar tal análise, será comparada a perspectiva adotada no filme a outras duas obras do diretor, estas provindas dos anos 60: *A Golden vision*, de 1968, e *Kes*, de 1969.

### **1. Memória, Utopia e o Mapeamento Cognitivo: como lidar com o apagamento do sujeito na pós-modernidade?**

---

<sup>3</sup> HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8ª ed. Rio de Janeiro, DP& A Editora, 2003.

O crítico norte-americano David Fisher cunhou o termo de realismo capitalista.<sup>4</sup> Ele gira em torno da ideia de que lidar com elocubrações que vislumbrem uma outra possibilidade de sistema são encaradas como falaciosas ou fantasiosas em um mundo no qual, nas palavras de Margaret Thatcher, “não há outra alternativa”.

Um mundo dominado pela lógica do capital é um mundo em que se torna mais difícil os seres humanos conseguirem ter controle sobre suas próprias vidas. Entre diversas razões para tal fenômeno, vale destacar o já mencionado impacto acometido na constituição da identificação do homem com os laços que o conectam a seu lugar social no mundo, afetado pelo conceito de “descentramento” de Hall. Mas como seria possível resistir a essa crise da identidade?

A visão de Jameson é pertinente para responder a essa pergunta, tendo em vista que é cada vez mais comum a utilização de aparatos teóricos que se distanciam do pensamento do crítico americano, ou seja, cujos raciocínios tangenciam o conceito de história. Tal perspectiva tem reflexos claros na construção da identidade do sujeito contemporâneo. O autor aponta que a dificuldade de reconhecimento, por parte do indivíduo, de qual é o seu papel na sociedade, é uma marca do mundo atual. Para isso, a adoção de uma abordagem que não apague a história e seus desmembramentos são essenciais para que “nós possamos começar novamente a entender nosso posicionamento como sujeitos individuais e coletivos e recuperar nossa capacidade de agir e lutar, que está, hoje, neutralizada pela nossa confusão espacial e social.”<sup>5</sup>

É partindo dessa premissa que o autor defende que haja uma compreensão do mundo atual a partir do conceito de mapeamento cognitivo, que deve “permitir a representação situacional por parte do sujeito individual em relação àquela totalidade mais vasta e verdadeiramente irrepresentável das estruturas da sociedade como um todo.”<sup>6</sup> Ou seja, os objetos culturais e as suas respectivas interpretações devem levar em consideração uma forma de traçar um elo com o lugar social dos indivíduos de forma a materializar o seu contato com a história e a vida prática.

O processo de identificação do sujeito em um determinado lugar social está relacionado ao seu reconhecimento de exteriorização a partir de um outro. Jameson

---

<sup>4</sup> FISHER, D. *Capitalist Realism: is there no alternative?*. Digital Book Print, London, 2008

<sup>5</sup> JAMESON, opus cit. P 79

<sup>6</sup> JAMESON, opus cit p 79

aponta que tal processo pode ser melhor compreendido se percebido a partir da noção do conceito lacaniano de estágio do espelho. Originalmente cunhado para compreender a formação da psique de crianças, ao longo de sua pesquisa, Lacan compreendeu que tal processo é constante na identificação do sujeito com o mundo. Ela se daria a partir da imaginação de uma autoimagem a partir de um outro no qual o sujeito se veria refletido. De acordo com o psicólogo:

“Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o estado do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apunhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade”<sup>7</sup>

A perspectiva lacaniana é fundamental para esse trabalho na medida que esboça a existência do outro como elemento fundamental para a atribuição de sentido à experiência. Em “À procura de Eric”, essa questão é essencial para o desenvolvimento do enredo, tendo em vista que os constantes diálogos entre o protagonista Eric Bishop e Eric Cantona são consequência de uma tentativa de introspecção por parte do primeiro, ao tentar compreender a construção de sua imagem a partir do reflexo que ela teria aos olhos de alguém admirado por ele. Bishop só consegue reencontrar sua identidade e os laços que o separam de suas experiências a partir da projeção de Cantona, a qual o faz entrar em contato não só com os momentos mais importantes de sua vida, mas reacende seus vínculos sociais. A lembrança de Cantona evoca a necessidade de estabelecimento de nexos de solidariedade e amizade com seus amigos, que, por sua vez, ocupam lugar social similar ao de Eric em uma sociedade que ainda é, mesmo que o negue, regida por uma lógica de separação de classes. O que é perceptível no filme é que a incapacidade de Eric lidar com sua própria vida do ponto de vista pessoal, ao tentar retomar o contato com a sua ex-mulher, está intimamente ligada ao seu desapego dos laços que identificam qual é o seu lugar no mundo. Os diálogos com Cantona são fundamentais para que o processo de espelhamento possa, de certa forma, aniquilar o descentramento de Eric e o faça tomar controle de sua própria vida.

Tal controle não é consequência apenas da projeção da imagem de Cantona, mas do uso do trabalho com os fragmentos da memória em vias de concretizar uma forma de

---

<sup>7</sup> LACAN, J. “O estágio do espelho como formador da função do eu”. In: Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1996. P 101

atuação na vida do presente. De acordo com Ecléa Bosi, o vínculo com o passado é vital “por que dele se extrai a seiva para a formação da identidade”. Como mencionado, a projeção de Cantona é uma forma de ter acesso às memórias de Eric, e são essas que se colocam em posição de fornecer possíveis soluções para os problemas atuais do personagem. em um mundo que nega a solução direta e aparente para o capitalismo e os males advindos dele, a memória de uma época em que as experiências poderiam ser compartilhadas, seja com os amigos nos jogos de futebol, seja com sua ex-mulher antes do fim traumático da relação, faz com que se vislumbre uma possibilidade de atuação concreta para os mesmos dilemas que o acometem no presente.

No entanto, é pouco válido compreender as soluções encontradas por Eric para os problemas em sua vida de forma a vê-las apenas como uma tentativa de resolução de seus conflitos pessoais. Elas simbolizam a possibilidade de tomada de controle de sua própria vida por uma pessoa cujo lugar social está bem delimitado, um membro da classe operária para o qual a situação alienada e precária circunda não apenas o mundo de suas relações pessoais, mas também a esfera do trabalho. A própria fruição do futebol, proporcionador de experiências de coletividade, sofreu com o avanço do neoliberalismo, como será analisado na seção seguinte desse trabalho.

De certa forma, Eric funciona como uma metáfora de que há sim a possibilidade de organização coletiva da classe operária de forma a agir de forma a tentar solucionar os problemas que a acometem. Isso fica claro na Operação Cantona, em que os operários se juntam em nome da resolução de uma causa coletiva, a de enfrentar Zach, o bandido que tem ameaçado a vida de um dos filhos de Eric. De acordo com Norra, “quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar”<sup>8</sup>. Em outras palavras, a reminiscência de um passado que proporcionasse um compartilhamento de experiências teria sua efetividade na vida prática limitada caso não oferecesse uma possibilidade de superação da realidade vivida. A rememoração utópica estimulada pelo espelhamento de Cantona se torna uma forma de mapear os laços sociais de Eric para, então, proporcionar a possibilidade de interação de seus problemas no presente a partir dos vínculos tão marcantes em seu passado.

---

<sup>8</sup> NORRA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto História n.10. São Paulo: Puc – SP, 1993, p.18

Cabe analisar, na próxima seção desse trabalho, de que forma o futebol funciona como um elemento importante para delimitar esse processo de mapeamento cognitivo no filme.

## **2- O futebol como produtor de sentidos e valores**

A inserção do futebol como elemento a ser estudado pela crítica cultural contemporânea adquire importância a partir do momento que ele pode ser analisado pelo caráter singular que a narrativa do jogo possui. Dentre as características mais importantes, encontra-se a constatação do historiador inglês Eric Hobsbawm de que “o futebol carrega o conflito essencial da globalização”<sup>9</sup>, ou seja, seria um elemento que sintetizaria as principais discussões que acometem a contemporaneidade. Tal síntese ocorre uma vez que o jogo, assim como o seu entorno, coloca em debate a obnubilação da identidade do sujeito na pós-modernidade. De acordo com o próprio historiador inglês, a transição da identificação com o discurso de ideologias nacionais para a intensificação de identidades locais é evidenciada pelo crescimento da importância dos clubes em detrimento das seleções.<sup>10</sup>

No entanto, existe outra questão essencial para os estudos culturais contemporâneos que é evidenciada pela prática futebolística: a possibilidade de estabelecimento de uma perspectiva que ainda seja capaz de analisar o mundo a partir de uma totalidade. De acordo com José Miguel Wisnik, o futebol poderia ser visto como “o elo perceptível que sobrou da relação entre a totalidade e as partes no mundo contemporâneo, ou como o fio tênue entre a pós-modernidade e a resistente *mise-en-scene* de valores que a modernidade dissipou.”<sup>11</sup>

Dessa forma, o jogo seria um elemento perfeito para tentar identificação do lugar social por meio do processo de mapeamento cognitivo, uma vez que teria em sua constituição elementos que permitiriam a revelação de características sociais as quais

---

<sup>9</sup> HOBBSAWN, E. “Futebol de hoje sintetiza a globalização.”, entrevista a Sylvia Colombo, *Folha de S. Paulo*, 30 set. 2007.

<sup>10</sup> HOBBSAWN, E. “As nações e o nacionalismo no novo século”. IN: *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007. P. 92

<sup>11</sup> WISNIK, J.M. opus cit. P.18

poderiam ser apagadas em muitos outros objetos culturais. De acordo com Hilário Franco Jr., “sendo esporte coletivo, o futebol tem implicações psicológicas coletivas, porém calcadas, ao menos em parte, nas individualidades que o compõem. O jogo é coletivo, como a vida social, porém num e noutra a atuação de um só indivíduo pode repercutir sorbe o todo. Como em qualquer sociedade, na do futebol vive-se o tempo inteiro em equilíbrio precário entre o indivíduo e o grupo.”<sup>12</sup>

Ao mesmo tempo, ele também está inserido na lógica do mundo capitalista, tendo em vista a maneira pela qual o jogo se tornou um negócio extremamente lucrativo e globalizado. As escolhas de Loach para a composição de “*A procura de Eric*” não poderiam ser mais felizes, pois englobam claramente essa dualidade: o jogo de futebol parece afetado pelas crises do período pós-moderno e, ao mesmo tempo, emerge como forma de proporcionar a superação desse contexto. Se por um lado o cenário futebolístico foi seriamente afetado pelo neoliberalismo devido à atuação de Margaret Thatcher na promulgação de campanhas de demonização de torcedores que culminou na criação da Premier League, dialeticamente, no entanto, o futebol na Inglaterra também tem importância para a construção de sentidos e valores. Nas palavras de Terry Eagleton:

“basta pensar em como seria transformada a paisagem social e política britânica se não mais existisse o futebol para fornecer às pessoas a tradição, o ritual, o espetáculo dramático, o senso de existência corporativa, a hierarquia, a lealdade, a agressividade selvagem, o combate gladiatório, o espírito de rivalidade, o panteão de heróis e a apreciação de habilidades estéticas que fazem falta tão grande ao cotidiano capitalista.”<sup>13</sup>

Essa relação é explicitada pelo filme a partir do momento que as experiências de Eric relacionadas ao futebol, seja na fruição das jogadas de Cantona ou no compartilhamento dos sentimentos emanados pelo jogo com seus semelhantes, são as suas fontes primordiais de atribuição de sentido à sua vida. É a partir delas que ele se faz capaz de não apenas compreender, mas confrontar e transformar a realidade em que se insere.

Tal identificação, no entanto, não pode ficar restrita à constituição do jogo em si, mas a sua ligação com o lugar que Eric ocupa no mundo. Para isso, seu vínculo como

---

<sup>12</sup>12 FRANCO, JR. Hilário. A dança dos deuses – Futebol, sociedade, cultura. Companhia das Letras, São Paulo, 2007. P.304

<sup>13</sup> EAGLETON, T. “Balzac encontra Beckham”. *Folha de S. Paulo, Mais!*, 5 dez. 2004

torcedor do Manchester United é fundamental. A relação entre um torcedor e o clube de coração é explicada por Hilário Franco Jr da seguinte forma:

(...) do ponto de vista psicológico o futebol pode ser entendido como “tela de projeção” de variados sentimentos de diferentes sujeitos (torcedores) sobre uma mesma entidade (o clube comum a eles). Como tal entidade tem existência externa àqueles sujeitos (e não somente interna, como no caso das divindades tradicionais), estabelece-se entre ambos intenso jogo de transferência, isso é, de atualização em outra personagem de sentimentos marcantes, positivos ou negativos, anteriormente vividos na história da pessoa”<sup>14</sup>

Além de ser um ótimo reforço de que a relação de Eric Bishop com Cantona realmente é constituída a partir do processo de espelhamento, a referência acima aponta para o clube como um elemento de identificação coletiva. Seja nos momentos mais excruciantes da vida de Eric, como por exemplo no início da narrativa, em que o único fator que o personagem parece ter em comum com os filhos é a ligação com o clube, ou no ápice da obra, em que o vínculo coletivo dos carteiros é marcado não apenas por sua função social, mas por sua conexão subjetiva atrelada à filiação clubística.

A imagem do clube vermelho da cidade de Manchester também é fundamental como símbolo das contradições da sociedade atual que são captadas pelo imaginário do futebol. Na introdução para a obra “Manchester United – a thematic study”, David L. Andrews contextualiza a situação do clube a partir da conceituação de Fredric Jameson de que existe um entrelaçamento no mundo atual entre as esferas da cultura e da economia. O clube estaria, de acordo com o autor, representando “uma instituição cultural popular que ocupa o espaço entre – e portanto molda sua importância em relação a – as forças e condições sociais atuais.”<sup>15</sup> Em outras palavras, é um símbolo ao mesmo tempo da identificação das classes trabalhadoras no campo cultural e um objeto de mercado que pode ser explorado pelo capital global do capitalismo tardio.

Tais representações ficam evidentes se levadas em consideração a origem sua fundação pelos trabalhadores das Railways de Lancashire e Yorkshire em 1878 em oposição a sua recente aquisição pelo empresário norte-americano Malcolm Glazer e a internacionalização da marca. No filme isso fica evidente a partir da discussão que

---

<sup>14</sup> <sup>1414</sup> FRANCO, JR. Hilário. A dança dos deuses – Futebol, sociedade, cultura. Companhia das Letras, São Paulo, 2007. P.304

<sup>15</sup> ANDREWS, D.L. Manchester United – a thematic study. Routledge, Oxfordshire, 2004. P. 2



ocorre na mesma cena em que os personagens assistem ao jogo em um pub mencionada anteriormente, no qual se questiona a filiação de dois dos torcedores FC United, clube fundado como forma de devolver o controle de sua paixão aos torcedores. No entanto, a identificação com o clube não se apaga, pois a história não se apaga, e o mesmo torcedor que se retirou do bar em protesto, volta extasiado pelos falsos gritos de gols de seus colegas.

Por fim, a escolha por Eric Cantona como ícone da rememoração de Eric Bishop se faz ainda mais perfeita. Craque renomado, um dos primeiros jogadores com status de superstar na Inglaterra, o jogador sempre foi tido como polêmico, o que ficou claro no episódio no qual foi suspenso por um ano por ter agredido um torcedor durante uma partida.

No entanto, por mais que tenha sido um símbolo da globalização do futebol <sup>16</sup>, Cantona representava algo de diferente tanto do ponto de vista de sua constituição como sujeito quanto em relação àquilo que ele emulava por sua participação em campo. Seu passado identifica-se claramente com a história do clube: seus avós eram membros da classe trabalhadora em Marselha e inclusive chegaram a participar de duelos na Guerra Civil Espanhola. Além de seu passado, nota-se a extrema preocupação em seu discurso de estabelecer conexões adequadas e duradouras com os torcedores, de “oferecer-lhes um presente, surpreendê-los”, como seu personagem na rememoração de Eric Bishop menciona no filme.

O mais curioso é que a narrativa do jogo corrobora para essa interpretação do “ethos” de Cantona. Em depoimento extraído da biografia do atleta, seu ex-companheiro de United, o goleiro dinamarquês Peter Schmeichel, afirma: “Os atacantes ingleses são previsíveis, e Eric trouxe o elemento de surpresa do futebol francês. Não foram apenas os gols que ele marcou, mas a maneira como ele criou aberturas para outros jogadores marcarem”.<sup>17</sup> A afirmação do goleiro remete diretamente à rememoração do maior momento da carreira de Cantona por Eric Bishop, que será analisado adiante, na qual o atacante afirma a importância de se criar algo para estabelecer vínculos com a torcida, surpreendendo-os, e com os companheiro.

---

<sup>16</sup> Cantona protagonizou uma das transferências mais caras da história do futebol quando se transferiu do Leeds United para o Manchester United em 92. Além disso, foi durante muitos anos garoto propaganda da multinacional Nike.

<sup>17</sup> AUCLAIR, P. Cantona, the rebel who would be king . Pan books, London, 2009. P. 285

Dessa forma, nota-se que seja o jogo em si, o imaginário do clube ou o personagem Eric Cantona, as escolhas de Loach sobre o futebol foram pertinentes por conseguirem aproximá-lo das ambiguidades que permeiam o mundo atual. O futebol se estabelece, portanto, como uma forma de unir a fragmentação do mundo atual por estar inserido nela e, ao mesmo tempo, se estabelecer como elemento de resistência, tendo em vista que preserva, indubitavelmente, elementos da história, os quais são retomados pela memória.

A relação entre o jogo e a memória, para ser entendida, deve ser levada em consideração de acordo com a aparição do jogo em outras obras do diretor, que apontam para semelhanças bastante promissoras do ponto de vista epistemológico.

### **3 – O futebol e o projeto estético de Ken Loach**

Loach é torcedor fanático do pequeno Bath City, clube da cidade onde vive e que participa das ligas menores do futebol inglês. O diretor chegou inclusive a filmar em 1988 o documentário “Another City: a day in the life of Bath’s football club”. O diretor tem inclusive feito campanha para que o clube adote um modelo de propriedade coletiva.<sup>18</sup>

Ainda que existam uma série de referências futebolísticas em diversas obras do diretor, como *My Name is Joe*, que narra a história de um técnico de futebol, ou mesmo na cena inicial de *Ventos da Liberdade*, em que crianças praticam o esporte antes da chegada dos soldados, as duas aparições prévias a “À procura de Eric” que merecem menção devido às semelhanças conceituais e estéticas com a narrativa da vida de Eric Bishop são: *The Golden Vision*, de 1968, um docudrama sobre torcedores do Everton que decidem ir a Londres para acompanhar uma importante partida contra o Arsenal cuja cena final traz o protagonista encenando um gol marcado por Alex Young, centroavante do clube azul de Liverpool cujo apelido deu origem ao título do filme; e a longa sequência de uma das obras-primas do diretor, *Kes*, na qual o personagem Sundgen reencena uma partida de futebol com seus alunos, assumindo o “papel” de Bob Charlton.

---

<sup>18</sup> Community ownership would place Bath City on surer footing, says Ken Loach  
Read more: <http://www.bathchronicle.co.uk/Community-ownership-place-Bath-City-surer-footing/story-19478447-detail/story.html#ixzz2rXG39Nzu>

Ambas as obras são relevantes pois trazem à tona o caráter do futebol como memória afetiva que, como mencionado na seção 2 desse trabalho, pode funcionar como uma espécie de tentativa de escapatória e superação para os conflitos da vida presente. No entanto, uma análise mais próxima das duas cenas, tanto do ponto de vista conceitual quanto do formal, pode apontar para algumas diferenças interessantes para a compreensão dos avanços estéticos alcançados em “À procura de Eric”.

Em “The Golden Vision”, o personagem vivido por Ken Jones se imagina jogando e marcando um gol pelo Everton, seu clube do coração. Ele personifica a figura de Alex Young e se enxerga, apenas no mundo da fantasia, como um agente possível das proezas que seu ídolo tantas vezes encena. Na mesma medida, a encenação da partida em *Kes* é usada por Sundgen de forma lúdica como reafirmação de sua autoridade em relação aos garotos. No entanto, a sua projeção da estrela do Manchester e da seleção inglesa nos anos 60 não busca uma superação de sua condição, mas uma retomada de sua própria postura repressora em relação aos garotos.

Com Eric Bishop, a projeção de Cantona ocorre de forma verticalmente diferente. Eric não se enxerga agindo como o ex-jogador, mas tomando as experiências proporcionadas pelo craque como forma de entrar em contato com seu lugar no mundo para, a partir disso, poder agir em relação a ele. Em outras palavras, o uso da imagem de Eric Cantona como uma forma de projeção de espelho em termos lacanianos auxilia na superação dos problemas de Eric Bishop, intimamente ligados à sua posição de classe.

Narrativamente, pode-se afirmar que a obra retoma o conceito de Jameson de mapeamento cognitivo, pois, como mencionado anteriormente, a memória e a projeção na imagem de Cantona servem para situar Eric de volta ao seu lugar social para, então, poder transformá-lo. Para Sundgen e Ken Jones, a projeção de seus ídolos também fortalece a possibilidade de experiência fora do cotidiano. Dessa forma, o futebol representaria uma saída, se por um lado utópica, pertinente para que se imagine o mundo como um lugar no qual ainda se é possível ter controle sobre a própria vida.

### **Bibliografia**

EAGLETON, T. “Balzac encontra Beckham”. Folha de S. Paulo, Mais!, 5 dez. 2004.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8ª ed. Rio de Janeiro, DP& A Editora, 2003.

HOBBSAWN, E. Globalização, *Democracia e Terrorismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_ “Futebol de hoje sintetiza a globalização”, entrevista a Sylvia Colombo, Folha de São Paulo, Mais!, 30 set.2007.

JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo, Editora Ática, 1996.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1996.

TOLEDO, C.M. *O cinema de Ken Loach e a refuncionalização de materiais estético-políticos*. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em Letras. Orientador: Prof. Marcos César de Paula Soares. São Paulo, 2010.

WISNIK, J.M. *Veneno Remédio- o futebol e o Brasil*.1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras. 2008

AUCLAIR, P. Cantona, the rebel who would be king . Pan books, London, 2009. P. 285

ANDREWS, D.L. Manchester United – a thematic study. Routledge, Oxfordshire, 2004. P. 2

FRANCO, JR. Hilário. A dança dos deuses – Futebol, sociedade, cultura. Companhia das Letras, São Paulo, 2007. P.304